

GUARDIÃS DE SEMENTES: A RAÍZ DA ANCESTRALIDADE NOS TERRITÓRIOS

ISABELLA LUCENA E MARIANA ABUCHAIN



GUARDIÃS DE SEMENTES: RAÍZ DA ANCESTRALIDADE NOS TERRITÓRIOS

“Precisamos conquistar nossa independência financeira, ter voto, expressar nossas opiniões e construir um mundo melhor para nós, nossos filhos e as gerações futuras. Fico feliz com o que já alcançamos, mas sei que a luta não termina aqui. Nossas preocupações com o clima e o meio ambiente são constantes, e nosso dever de agir também é.”

Antônia Oliveira, coletora de sementes

“A gente fazia mudas para vender e também vendia semente, doava para as pessoas ‘reflorestar’ as beiras de rios, as terras degradadas e para realizarem o plantio de árvores.”

Elza Meira, coletora de sementes



Isabella Lucena e Mariana Abuchain nasceram em dezembro de 1999, em Brasília. Comunicólogas pela Universidade de Brasília (UnB), trabalham com comunicação ambiental desde o início.

Elas se encontraram, por coincidência, no meio acadêmico e, a partir dali, seguiram juntas até os dias atuais.

Como trabalho de conclusão de curso, dedicaram-se à criação deste livro, que honra a memória de toda a trajetória que as trouxe até aqui e das pessoas que tornaram tudo isso possível.

Guardiãs de sementes: a raiz da ancestralidade nos territórios Brasília

Brasília

Guardiãs de sementes: a raiz da
ancestralidade nos territórios Brasília

2025

Título

Guardiãs de sementes: a raiz da
ancestralidade nos territórios

Copyright© 2025

Isabella Lucena
Mariana Abuchain

Textos

Mariana Abuchain
Isabella Lucena

Diagramação

Isabella Lucena
Mariana Abuchain

Capa e Ilustrações

Sofia Veloso

Revisão

Lucas Guaraldo
Rafiza Varão

(Este livro segue as novas regras do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa).

*Às nossas avós, por serem nossas raízes e asas.
Às nossas inspirações: Antônia, Elza, Luzinete e Vanda, que
abriram seus corações e compartilharam suas histórias,
tornando possível a existência deste projeto.*



“Foi embora um fruto, mas a árvore ficou. E suas raízes são muito fundas para tentarem arrancar.”

- *Itamar Vieira Junior,*
Torto Arado

SUMÁRIO

Apresentação	11
Processo de coleta	13
Vanda Melo	15
Elza Meira	23
Antônia Oliveira	33
Luzinete Moreira	43



APRESENTAÇÃO

Com muito carinho, reunimos neste livro quatro histórias de mulheres guardiãs de sementes – também conhecidas como coletoras de sementes – do estado de Mato Grosso. Essas mulheres estão na linha de frente na luta pela preservação da biodiversidade e pela valorização do papel da mulher no campo.

Ao registrar seus relatos, percebemos que a participação das mulheres no campo sempre foi subestimada e cercada pelo entendimento de que apenas os homens deveriam administrar as terras. No entanto, são elas as principais responsáveis por grande parte da produção e pelas atividades mais minuciosas, como a limpeza das sementes. Todo o processo de coleta de sementes é sagrado e, por causa desse trabalho, o conhecimento tradicional é mantido vivo.

Esperamos que este livro possa incentivá-lo a reconhecer a importância do trabalho dessas mulheres. Como diz Vanda Melo: “Com fé e coragem, vamos chegar lá.”

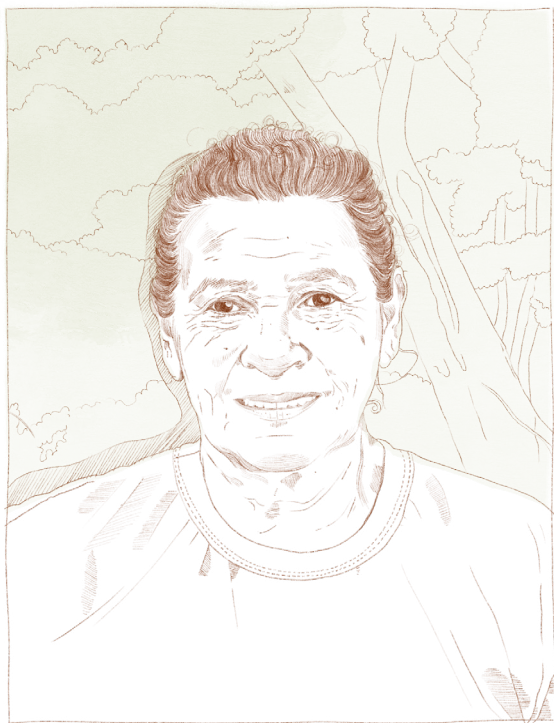
PROCESSO DE COLETA

O processo de coleta de sementes deve ser realizado de forma cuidadosa e envolve várias etapas para garantir a pureza do produto. Após a coleta, as sementes são levadas para casa e, de lá, separadas e secas. Em seguida, os coletores utilizam um tambor e um pilão para pisar as sementes e soltá-las da casca, além de uma peneira para separar as partes mais grossas.

Para garantir que as sementes estejam limpas, elas são lavadas cuidadosamente. Em seguida, a água é descartada, e as sementes são secas e selecionadas para a venda. A maioria dos coletores faz a seleção manual.

Em certos casos, as sementes passam por um triturador para evitar quebras do material. Depois, passam por mais um processo de peneiragem ou são lavadas novamente. Esse processo garante que as sementes estejam prontas para serem comercializadas ou armazenadas.





VANDA MELO

Vanda Melo começa seu dia antes de o sol nascer. Às quatro da manhã, já está de pé para coletar folhas, preparar o café e cuidar das galinhas. Logo depois, segue para a horta, onde limpa os canteiros, faz a capina e resolve o que estiver ao seu alcance em sua propriedade, localizada em Carlinda, no Mato Grosso.

Sua rotina é simples, assim como seus hábitos. Gosta de uma boa xícara de café e de assistir Reinaldo Gottino na televisão. Ficou contrariada quando o programa mudou de horário – de meio-dia para as quatro da tarde. “Esse horário é quando mais trabalho, já que o sol começa a baixar”, lamenta.

Caseira por natureza, Vanda evita viagens. “Sempre fui medrosa, tenho medo de moto, de carro, de tudo, desde pequena”, conta. Mas, dentro do sítio, sente-se segura e realizada. Todos os dias, cuida com dedicação da horta, onde cultiva couve, alface, jiló, pepino e abóbora. A beterraba, no entanto, acha trabalhosa demais. Também gosta

da criação de animais, especialmente galinhas e porcos.

Mora com sua filha, Evoneide, de 43 anos, que a ajuda nas tarefas diárias, garantindo que tudo funcione bem no sítio que tanto ama.

Assentada no Projeto de Desenvolvimento Sustentável de Carlinda, no Mato Grosso, dedica-se à produção de leite e ao cultivo de hortaliças, além de participar ativamente de iniciativas de reflorestamento e restauração ambiental. Seu trabalho também se estende a projetos locais de distribuição de alimentos, em parceria com cooperativas da região.

A coleta de sementes é sua principal fonte de renda, com um foco especial nas plantas crioulas – preservadas por agricultores familiares e livres de modificações genéticas. Um exemplo é o feijão-de-porco, utilizado em projetos de recuperação ambiental como adubo natural, promovendo a fertilidade do solo de forma sustentável.

“Eu nasci na roça, meus pais eram da roça, trabalhei muito lá. Meu pai nunca ensinou a gente a carpinar, roçar, plantar e serrar. Apreendi tudo sozinha. Depois me casei, continuei um pouco na roça, mas, quando ele me deixou com cinco filhos, fui trabalhar na cidade. Deixei a roça, mas meu sonho estava lá.”

Quando surgiu a oportunidade de se assentar, aos 34 anos, Vanda e seus quatro netos pequeninhos foram para um acampamento em Carlinda, Mato Grosso, para que suas filhas pudessem trabalhar. Lá, viveram por nove anos, e foi onde começou a aprender sobre técnicas de cultivo.

A coleta de sementes, além da horta e do leite, ocupa um lugar central na vida de Vanda, que se “viciou” na prática tradicional e sustentável: anda observando todas as árvores e plantas ao seu redor, lembrando e registrando seus nomes, tirando fotos e recolhendo com carinho suas sementes.

Vanda relembra sua infância dizendo que foi criada como “bicho do mato”. “No início do acampamento, eu era reservada, não conversava muito. Mas, com o tempo, me abri para as companheiras e comecei a participar das reuniões. Foi a melhor decisão que tomei.”

Para ela, a coleta de sementes é um trabalho coletivo, baseado no apoio mútuo e na cooperação. “Se eu não tenho uma semente, outra amiga tem. Limpamos juntas, ajudamos umas às outras. Se alguém tem muitas sementes e não consegue dar conta, a gente se junta para facilitar. Nossa maior alegria é ir à floresta coletar. Subir nas árvores, estar naquele ambiente, é sagrado. O processo é divino.”

As mulheres são maioria na coleta de sementes, e Vanda fala com entusiasmo sobre como essa atividade se tornou parte essencial de sua vida, tão natural quanto tomar café ou cuidar da terra.

“Choveu? Então é hora de plantar mudas e sementes! É como ser mãe, mãe daquelas sementes que vão nascer. Acho que esse trabalho é uma terapia, é felicidade. Sentamos juntas, conversamos, compartilhamos nossas histórias enquanto trabalhamos.”

O envolvimento de Vanda com a coleta começou em seu próprio sítio, mas hoje conta com a participação de várias mulheres. As sementes recolhidas por elas são doadas para instituições que apoiam a causa. “Faço esse trabalho não só para plantar na minha propriedade, mas também para atender à demanda local por sementes destinadas à regeneração de florestas e de Áreas de Preservação Permanente.”





ELZA MEIRA

Elza Meira, de 67 anos, nasceu em Itororó, na Bahia. Ainda bebê, com apenas dois meses, mudou-se para o Paraná, onde cresceu em diferentes terras, pois seu pai não possuía uma propriedade. Determinada e cheia de sonhos, Elza fala com paixão sobre seus desejos e anseia por conhecer novos lugares e pessoas.

Desde jovem, trabalhou na colheita do café, migrando de fazenda em fazenda. Aos 21 anos, casou-se com um filho de baianos e, juntos, mudaram-se para a Bahia, onde viveram por dois anos. Foi lá, na cidade de Brumado, que teve seu primeiro filho. Em 1982, seguiu para o Mato Grosso, onde seus pais conseguiram um pedaço de terra, fruto da reforma agrária. Desde então, vive na região de Terra Nova do Norte, próxima a Colíder.

Em Colíder, Elza foi apresentada ao Movimento de Mulheres Camponesas por sua amiga e irmã de caminhada, Leonora Brunetto. Fundado em 2004, o movimento reúne mulheres

trabalhadoras rurais na luta pela reforma agrária e pelo fortalecimento de políticas públicas voltadas à agricultura familiar e agroecológica.

Cada vez mais engajada, Elza se envolveu na coleta de sementes e passou a participar de oficinas sobre aproveitamento de alimentos, especializando-se no preparo de doces típicos, como os de caju e abóbora. Em Terra Nova, integrou um grupo de coletores regionais, onde seu filho, Vanderson Meira, atuava como técnico. Foi por meio dessa rede que Elza conheceu a Casa de Sementes e aprimorou suas habilidades na coleta tradicional.

“A gente fazia mudas para vender e também vendia semente, doava para as pessoas ‘reflorestar’ as beiras de rios, as terras degradadas e para realizarem o plantio de árvores. Foi assim que eu conheci.”

Elza relembra sua experiência com as feiras da região, onde se uniu a outros agricultores

para comercializar os produtos de suas terras. Determinada e cheia de sonhos, ela busca sempre o que deseja, expressando com entusiasmo seus anseios e a vontade de explorar novos lugares e conhecer novas pessoas. Encontrou no convívio com as mulheres do movimento uma fonte de inspiração e força, tanto recebendo quanto oferecendo apoio. Ela acredita que, desde que teve acesso a essas oportunidades, algo dentro dela se transformou profundamente.

“Gosto de viver, conversar e me relacionar com as pessoas. Não sou dessas mulheres que falam assim: ‘Ah, eu não gosto de sair, não gosto de passar fora de casa’.” Por causa do Movimento de Mulheres Camponesas, Elza conseguiu dar melhores condições para seu filho.

A criação da Associação Mulheres Unidas da Agricultura Rural (Amudar) foi importante para mudar as perspectivas dos associados, que passaram a dar mais valor à vegetação nativa e às árvores de seus sítios. Com a nova visão, mais

peessoas passaram a conservar, recolher sementes e recuperar a vegetação nas beiras dos rios, além de perceberem um retorno financeiro a partir dessas novas atividades.

“A gente vendia as coisas que colhia e formamos uma associação, a Amudar. Tudo veio por causa do Movimento. Foi lá que eu comecei, sendo coordenadora. Quando falou: ‘Vamos fazer uma casa de sementes’, tinha que ter uma coordenadora. Tinha várias mulheres e vários homens, fizeram uma votação. Muitas pessoas não queriam, pois tinham que anotar, pesar as sementes, limpar a casa. As pessoas me indicaram, e eu aceitei.”

A mudança foi ainda mais importante para a autonomia e a autoestima das mulheres da comunidade que, no fim do ano, conseguiram juntar mais dinheiro e viram seus sítios cada vez mais verdes e preservados.

“Muitas mulheres mudaram a autoestima participando do Movimento e participando da coleta porque muitas só sabiam o serviço de dentro da roça. Fizemos várias reuniões lá na cidade para muitas mulheres e elas começaram a sair mais, ter uma visão diferente do que elas poderiam fazer fora de casa, não só lavar, passar e cuidar de filho. E isso mudou também a cabeça de muitos homens.”

A chegada da pandemia foi um período devastador. Com inúmeras perdas entre as famílias e agricultores, a associação não resistiu. “A maioria das mulheres morreu. Quando não foi a mulher, foi o marido ou o filho. Isso trouxe um grande desgosto, e a associação deixou de existir. Mas a coleta de sementes continuou”, relembra Elza.

No mesmo período, ela enfrentou um grave acidente doméstico e recebeu a notícia de que jamais voltaria a andar. “Fiquei muito abalada, mas, apoiada pela minha fé, com o tempo comecei a melhorar. Retomei minhas atividades, voltei a participar de reuniões e viajei para muitos lugares.”

Os encontros com outras agricultoras em diferentes cidades deram a Elza a oportunidade de viajar e conhecer o mundo, algo que antes parecia impossível. Com o tempo, percebeu que essa experiência transformava sua vida. Assim como a coleta de sementes trouxe autonomia para

as mulheres de sua comunidade, o Movimento de Mulheres Camponesas abriu caminhos para que Elza percorresse o Brasil.

O impacto do movimento também alcançou sua família, proporcionando um futuro melhor para seu filho. Durante uma reunião de agricultoras, Elza descobriu que jovens do movimento tinham a chance de ingressar na faculdade. Foi assim que seu filho se formou em engenharia agrônoma e, hoje, atua na área como técnico, desenvolvendo projetos de reflorestamento.

“Se não fosse o movimento, eu não conhecia esse tanto de lugar. Então, para mim, foi muito bom. Eu só tinha ido do Paraná para Mato Grosso. Fui para Brasília, Rio Grande do Norte e também para a Venezuela, na formatura do meu filho.”

Elza relembra que sua amiga e irmã de caminhada, Leonora, conhecia bem sua história e sabia do desejo de seu filho de cursar uma faculdade, algo que, na época, parecia

inalcançável. “Havia cinquenta vagas disponíveis para universidades em todo o Brasil. Inscrevi meu filho no sorteio e voltamos para casa com esperança. Pouco tempo depois, recebemos a notícia de que ele havia sido um dos selecionados, e isso mudou sua vida.”

Hoje, sente-se realizada por tudo o que conquistou, mas sua luta continua. Ela segue empenhada em construir um futuro melhor para todos, especialmente para as mulheres, que têm um papel fundamental a desempenhar na sociedade.





ANTÔNIA OLIVEIRA

Antônia Oliveira, de 54 anos, é professora, agricultora familiar e vive no assentamento Projeto de Desenvolvimento Sustentável, no município de Carlinda, Mato Grosso. Sua trajetória na coleta de sementes está diretamente ligada à luta pela reforma agrária.

Assentada com seu esposo, José Severino, e sua filha, Carolina, de 18 anos, Antônia faz parte de um grupo de cinco famílias que participam da coleta de sementes florestais e agrícolas. Cada família mantém suas áreas de produção e coleta dentro de suas unidades familiares. Carolina, que começou a trabalhar na terra ainda na adolescência, hoje concilia os estudos com o trabalho na propriedade, seguindo os passos da família.

“Peguei muito, muito afeto, muito amor pela coleta de sementes. O cultivo de vários tipos de sementes florestais é fundamental para entender que elas são cruciais para o processo de restauração de áreas e também para o consumo

humano na questão agrícola.”

Antônia, junto a um grupo de mais de 46 famílias, ajudou a construir o projeto do assentamento seguindo um modelo sustentável de produção. Com o compromisso de proteger a floresta, destinaram apenas as áreas já abertas para o cultivo, preservando uma reserva coletiva que hoje soma mais de 1.500 hectares. Foi nesse processo que o carinho de Antônia pelas sementes foi crescendo, tornando-se parte essencial de sua história e de sua luta pela sustentabilidade.

Ela evidencia que coletar na mata é um grande desafio, por isso costuma dar preferência às áreas de pastagem e aos pomares florestais, onde cultiva árvores selecionadas para a produção de sementes. Com o tempo, as sementes passaram a ocupar um espaço cada vez mais significativo na vida de Antônia e de sua família, tornando-se não apenas uma fonte de trabalho, mas também de esperança.

“A gente realmente se apaixona. Quando sai pra passear e já vê aquela árvore, pergunta: ‘Aquela árvore lá, você conhece? Olha! Está florida. Qual é?’ Já anoto para poder pesquisar, para saber exatamente qual é a época da florada, quando ela vai produzir as sementes para a gente coletar e quanto tempo demora.”

No assentamento, outras famílias cultivam sementes e frutas, além de manterem hortas que complementam sua alimentação e garantem a permanência no campo.

“E não é apenas uma questão de renda, mas também de aprendizado. A experiência de coletar sementes com o propósito de reflorestar novas áreas nos ensina o quanto essa prática é essencial para a recuperação e preservação do meio ambiente.”

Um dos principais cuidados do grupo é garantir que a coleta de sementes não prejudique o ecossistema. Para isso, controlam rigorosamente a quantidade retirada para comercialização, assegurando que sempre haja o suficiente para alimentar a fauna e permitir a regeneração das árvores.

Além disso, o coletivo tem intensificado reuniões, oficinas e encontros regionais para discutir não apenas a comercialização

das sementes, mas também seu impacto cultural. Compartilhar saberes tradicionais e conhecimentos populares fortalece a identidade do grupo e reafirma a importância desse trabalho. No entanto, a expansão das lavouras de milho e soja na região trouxe desafios, como a perda de matrizes e árvores cultivadas pelos assentados. O grupo tem buscado formas de se adaptar a essa nova realidade.

“Tenho muitos sonhos e vontade de superar os desafios que surgem pelo caminho. A comercialização das sementes, a criação de novas áreas de coleta para substituir aquelas destruídas pelo agronegócio e até mesmo os impactos da pulverização aérea são problemas que enfrentamos diariamente. Mas seguimos firmes, porque esse projeto é essencial para nós. Ele nos dá vida, nos permite viver melhor”, afirma Antônia.

A terra, quando preservada e cultivada coletivamente, torna-se um ato de resistência. É através dela e da proteção da natureza que os

trabalhadores rurais conquistam seus objetivos e realizam seus sonhos. Organizados em associações, defendem seus direitos e lutam por melhores condições de vida no campo.

Antônia carrega em si o amor por sua terra natal e adora viajar para lá sempre que pode. Suas companheiras de luta a descrevem como uma mulher batalhadora, presente em todos os espaços. “Ela deu aula para os meus netos quando ainda vivíamos no acampamento, na beira da estrada”, relembra uma colega.

Antes de se dedicar inteiramente à agricultura, Antônia foi professora, mas decidiu trocar a sala de aula pelo trabalho na terra. No sítio, especializou-se no cultivo de cupuaçu, acerola e banana, embora já tenha trabalhado com hortas. Optou por priorizar a acerola, mas segue envolvida em diversas atividades rurais. Além de sua paixão pela agricultura, gosta de caminhar e participa ativamente de cooperativas e associações. Seu compromisso com a causa já

a levou a diferentes lugares, como Bahia e a Amazônia. Como mãe e amiga, é conhecida pelo seu jeito acolhedor e por estar sempre disposta a dialogar.

Recentemente, Antônio e um grupo de mulheres assumiram a coordenação da associação local. Para ela, um de seus maiores sonhos é ver mais mulheres ocupando cargos de liderança e participando ativamente das decisões. “Desta vez, a coordenação é inteiramente feminina. Queremos que elas viajem mais, que sejam diretoras, presidentes, que tenham voz. Muitas vezes, em diretorias compostas por homens, colocam apenas uma mulher para cumprir a cota. Isso é uma desvalorização e uma ameaça à nossa luta”, destaca.

Antônia e suas companheiras seguem firmes em seus propósitos, lutando por espaço, autonomia e reconhecimento. “Precisamos conquistar nossa independência financeira, ter voto, expressar nossas opiniões e construir um mundo melhor

para nós, nossos filhos e as gerações futuras. Fico feliz com o que já alcançamos, mas sei que a luta não termina aqui. Nossas preocupações com o clima e o meio ambiente são constantes, e nosso dever de agir também é.”





LUZINETE MOREIRA

Luzinete Moreira, de 48 anos, nasceu em Nova Canaã do Norte, interior de Mato Grosso, e atualmente vive no Assentamento Veraneio. Mãe de três filhos, destaca-se como uma das principais coletoras de sementes de seu grupo.

“Tudo começou quando me mudei para um novo município e passei a me sentir isolada, longe da minha terra e da vida no campo. Meu filho, que participava do Instituto Ouro Verde, me convidou para participar das atividades. Isso foi muito importante na minha vida e, com o tempo, me apaixonei pelas oficinas de coleta de sementes.”

Luzinete começou auxiliando o filho na parte administrativa do projeto, cuidando da emissão de notas e da venda de produtos. No entanto, durante a pandemia, passou a se dedicar diretamente à coleta, que rapidamente se tornou sua principal atividade.

Hoje, reúne-se frequentemente com mais

oito famílias para participar das oficinas de preservação ambiental, pesar sementes, trocar experiências e, mais importante de tudo, compartilhar histórias e apoio emocional.

“O mais importante é a troca. Falamos sobre a vida, filhos, doenças e celebrações, como quando meu filho foi aprovado na faculdade de Engenharia Florestal, sendo o primeiro da família a entrar em uma universidade.”

A atividade não só ajudou a lidar com a saúde mental, como também trouxe mais estabilidade financeira para a família. “Começou por causa de uma nota fiscal e me ajudou a não aprofundar numa depressão também. A feira me ajudou, me deu uma reerguida. Com a semente, eu tô de pé e mais forte agora.”

A coleta é parte fundamental da vida de Luzinete, que agora passa seu tempo fazendo as coisas de que mais gosta.

“A gente sai de casa, vai para debaixo de uma árvore, sente o vento fresco, ouve os passarinhos e alivia a mente. Passo por um riozinho, vejo um animal, escuto o barulho das águas. A gente não consegue pensar em problemas, em coisas que deixam a gente deprimido. Aprende a se distrair e tem a renda também, que melhorou bastante.”

Para garantir a renda ao longo do ano, Luzinete relata que novas espécies foram adicionadas à lista das coletoras, agora com mais de cem variedades. Ela destaca a necessidade de adaptar suas rotinas ao tempo das espécies, respeitando os ciclos naturais.

“Tem a época do ano em que madura uma, outra época em que maduras outras. Tem umas que a gente colhe e madura com pouco, às outras a gente espera secar. E assim, coletamos ao longo do ano.”

Além disso, a organização e o apoio do grupo também têm dado novas perspectivas para as coletoras e suas famílias. Pautas como a preservação ambiental e o respeito às mulheres no campo têm ganhado cada vez mais força.

“É muito orgulho para nós ver onde estamos e onde nossos filhos estão conseguindo chegar. Apesar de estarmos no mesmo lugar, damos força e a direção para eles seguirem adiante.”





“A vida é feita de palavras, elas explicam e fazem nascer e morrer. Se ninguém pronuncia um nome este ser está morto, mesmo que respire e leve um coração batendo no peito. Estar vivo é ser palavra na boca de alguém. Não lembrar delas me condenou ao abismo, não saber o nome das pessoas, do meu lugar, a narrativa da minha vida, tudo o que somos é história e história se conta com palavras. Por isso, bastou um bilhete. Lembrei-me da missa: ‘Mas disse-me uma só palavra e será salvo’. Fui salva por apenas duas, o nome da cidade de onde vim e o meu nome.”

Oração para desaparecer
Socorro Acioli

Este livro, no formato 17 x 12 cm, foi composto na fonte Marion e impresso em papel pólen.

Esta obra retrata histórias reais. Todos os nomes, personagens, lugares e incidentes apresentados são baseados em fatos e pessoas verídicas, com profundo respeito à sua autenticidade e vivências.

Este livro é o produto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido em 2025, pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC - UnB).

Orientação: Dra. Rafiza Varão